



## **Zorba, O grego**

Nikos Kazantzakis

Romance

Coleção Grandes Romances 4ª EDIÇÃO

Editora Nova Fronteira

Tradução:

Edgar Flexa Ribeiro e Guilhermina Sette

Tradução em inglês: ZORBA, the Greek

Capa: Rolf Gunther Braun

Revisão: A. Tavares

© by Heléne Kazantzakis

Orelha do livro:

Este livro cria uma vigorosa personalidade, a de Alexis Zorba, um herói dentro da mais pura tradição clássica da terra natal de seu autor, Nikos Kazantzakis, a Grécia.

Num trecho perdido do litoral da ilha de Creta, entre um jovem que busca a si mesmo, uma velha cantora de cabaré que vive em função de pretensas glórias passadas e uma aldeia, cuja população é retrógrada e mesquinha, o leitor encontrará em Zorba o homem perfeito – consciente de suas fraquezas, vícios e pecados, mas que não curva sua vida diante das limitações impostas pela própria condição de homem.

Como contraste a essa extraordinária natureza, o autor coloca, ao lado de Zorba, um homem perplexo e hesitante que, apesar dos livros que leu, ainda não conseguiu se libertar dos freios impostos pela civilização, nem aprendeu que nenhuma contingência real ou ideal impede o homem de atingir o mais alto grau de liberdade – que é a capacidade de entender e amar o mundo como ele é, e não como deveria ser.

Zorba é uma personagem que nasceu clássica. Tem a delícia pungente de uma figura pitoresca. É um Quixote sem grandeza – e um grego sem túnica. A seu lado, as figuras hieráticas da aldeia, a viúva misteriosa e essa preciosa, ridícula e patética – a Bubulina. Deste livro do mais famoso autor grego dos nossos dias foi feito um filme de sucesso mundial. A nova fronteira tem agora o prazer de apresentar ao leitor brasileiro, em sua 3ª edição, este romance inesquecível.

Nikos Kazantzakis nasceu na ilha de Creta em 1873. Passou a infância em plena guerra travada por seus compatriotas contra a tirania turca. Concluído o curso de direito em Atenas, embarcou para Paris. Ali assistia às aulas de Bérghson, cuja influência ser-lhe-á depois tão decisiva quanto a de Nietzsche. Sucederam-se, posteriormente, as múltiplas viagens, o retiro no Monte Athos, o período de pós-guerra em Berlim – onde redigiu a *Ascese* –, as visitas à Rússia, motivadas

por uma imensa admiração por Lênin. Pode-se dizer que sua biografia inteira está contida nessas viagens. Ao regressar do Japão e da China, escreve o Jardim dos Penhascos, seguido da Odisséia. A fase dos grandes romances, com exceção de Alexis Zorba (Zorba, o Grego), data dos últimos anos, vividos em Antibes, a Antípolis da Antiguidade, a mais helênicas das cidades francesas.

Suas atividades políticas e culturais nunca conheceram trégua. Socialista militante, tornou-se Ministro do Estado em 1945 e ocupou importante cargo na direção da UNESCO antes de se aposentar para se dedicar exclusivamente à criação literária. Morreu na Alemanha em 1957. E sua maior consagração talvez esteja na frase do grande humanista Albert Schweitzer: “Jamais escritor algum impressionou-me tão profundamente.”

## Capítulo I

Encontrei-o pela primeira vez no Pireu. Eu estava no porto para apanhar um navio para Creta. O dia ia nascer e chovia. Um siroco forte soprava, e os respingos das ondas chegavam até o pequeno café. As portas envidraçadas estavam fechadas, e o ar cheirava a suor e a infusão de salva. Fora fazia frio, e a névoa das respirações embaçava as vidraças. Cinco ou seis marinheiros que haviam passado à noite em claro, embuçados em suas capas marrons de pele de cabra, bebiam café ou salva e olhavam o mar através dos vidros turvos. Os peixes, aturdidos pelos golpes do mar agitado haviam encontrado refúgio nas águas tranquilas das profundezas; esperavam que lá em cima a calma voltasse. Os pescadores, empilhados pelos cafés, esperavam também o fim da borrasca e que os peixes, tranqüilizados, voltassem à superfície para morder as iscas. Os

linguados, os ruivos e as arraias voltavam de suas expedições noturnas. O dia nascia.

A porta envidraçada abriu-se; um estivador atarracado e queimado de sol, cabeça descoberta e pés descalços, entrou.

- Olá, Kostandi! - gritou um velho lobo do mar de japonsa azul-claro. - O que há de novo?

Kostandi cuspiu no chão.

- O que você quer que haja de novo? - respondeu ele, mal-humorado. - bom dia, e vou para o café; boa noite, e volto para casa! Bom dia, café; boa noite, casa! Isso é minha vida. De trabalho, nada!

Alguns se puseram a rir, outros balançaram a cabeça praguejando.

- "O mundo é a prisão perpétua" - disse um bigodudo que havia feito seus estudos de filosofia no Karagheuz (Teatro de Marionetes). - sim, a prisão perpétua, maldito seja ele.

Uma doce luminosidade azul-verde banhou os vidros sujos, entrou no café, agarraram-se as mãos, narizes, frentes e, alcançando o balcão, iluminou as garrafas. As lâmpadas enfraqueceram; o dono do café, sonolento após uma noite de trabalho, moveu a mão e apagou-as.

Houve um momento de silêncio. Todos os olhos se levantaram para olhar lá fora o céu enlameado. Ouviram-se as ondas que quebravam mugindo e, no café, o borbulhar de alguns narguilés.

O velho lobo do mar suspirou.

- Que tempo! O que não estará passando o capitão Lemoni! Que Deus o ajude!

Olhou o mar com um ar enfurecido.

- Maldito fazedor de viúvas! - rosnou ele, e mastigou uma ponta de seu bigode grisalho.

Eu estava sentado num canto, sentia frio, e pedi uma segunda xícara de salva. Tinha vontade de dormir. Lutava contra o sono, contra o cansaço e contra a desolação da madrugada. Olhava, através das vidraças enlameadas, o porto que acordava, e que

gritava com todas as sirenas dos navios, com os gritos dos estivadores e embarcações. E, de tanto olhar, uma malha invisível feita de mar, de chuva e do sentimento de partida, envolveu-me o coração, apertando-o em seus fios.

Olhava fixamente para a proa negra de um grande navio; todo o tombadilho estava ainda mergulhado na noite. Chovia e eu via os pingos da chuva unir o céu à lama.

Eu olhava o barco negro, as sombras e a chuva, e minha tristeza tomava corpo. As recordações iam chegando. No ar molhado, ia tomando forma, composto de chuva e de saudades, o rosto do meu amigo. Foi no ano passado? Numa outra vida? Ontem? Quando, afinal, estive neste porto para lhe dizer adeus?

Ainda me lembro da chuva naquela manhã, do frio e da madrugada. Tinha, então, o coração pesado.

Como é amargo separar-se lentamente dos seres amados! Mais vale cortar de uma só vez, e reencontrar a solidão, estado natural do homem. Entretanto, naquela madrugada chuvosa, eu não podia me separar de meu amigo. (depois compreendi, muito tarde, infelizmente, o porquê). Subira com ele ao navio, e estava sentado em sua cabina entre malas espalhadas. Olhava-o com insistência, quando não estava prestando atenção, como se quisesse, um a um, gravar seus traços em minha memória – seus olhos luminosos de um azul-esverdeado, seu rosto jovem, sua expressão fina e desdenhosa e, principalmente, suas mãos aristocráticas de longos dedos afilados.

Em dado momento surpreendeu meu olhar resvalando sobre ele, ávido e lento. Voltou-se com aquele ar zombador que assumia quando procurava esconder sua emoção. Olhou-me. Compreendeu. E para disfarçar nossa tristeza:

- Até quando? – perguntou-me irônico, sorrindo.

- Até quando o quê?

- Você continuará a mastigar papel e a se lambuzar de tinta?

Vem comigo, caro professor. Lá longe, no Cáucaso, milhares de homens de nossa raça estão em perigo. Vamos salvá-los.

Ele se pôs a rir, zombando de seu nobre propósito.

- É possível que não os salvemos - acrescentou. - mas salvaremos a nós mesmos ao nos esforçarmos para salvar os outros. Não é o que prega, meu mestre? "A única maneira de te salvars é lutar para salvar os outros..." Então, avante, mestre, você que pregava tão bem. Venha.

Não respondi. Terra sagrada do Oriente, mãe dos Deuses, altas montanhas onde ressoa o clamor de Prometeu! Acorrentada como ele a essas mesmas montanhas, nossa raça chamava. Ela estava, ainda uma vez, em perigo; e chamava seus filhos a socorrê-la. E eu a ouvia, passivo, como se a dor não fosse senão um sonho, e a vida uma tragédia cativante, onde é prova de grosseria e ingenuidade precipitar-se ao palco e tomar parte na ação.

Sem esperar resposta meu amigo levantou-se. O navio apitava agora pela terceira vez. Estendeu-me a mão, escondendo de novo, sob a brincadeira, sua emoção.

- Até breve, camundongo comedor de papiros! - disse ele.

Sua voz tremia. Ele sabia que é vergonhoso não poder dominar o coração. Lágrimas, palavras ternas, gestos desorganizados, familiaridades vulgares, tudo isso era para ele fraquezas indignas do homem. Nunca, nós que éramos tão unidos, havíamos trocado uma palavra afetuosa. Brincávamos e nos arranhávamos como feras. Ele, o homem fino, irônico, civilizado. Eu, o bárbaro. Ele, controlado, esgotando com naturalidade num sorriso todas as manifestações de sua alma. Eu, brusco, explodindo num riso inconveniente e selvagem.

Tentei, eu também, camuflar minha emoção sob uma palavra dura, mas tive vergonha. Não, não é que eu tivesse vergonha, mas porque não consegui. Apertei sua mão. E a segurei sem largar. Ele me olhou, espantado.

- Emocionado? - disse ele tentando sorrir.

- Sim - respondi calmamente.

- Por quê? Que havíamos decidido? Não havíamos combinado há anos? O que dizem os japoneses que você admira tanto?

Foudoshin! Ataraxia, placidez olímpica, quietude; o rosto: uma máscara sorridente e imóvel. O que vai por detrás da máscara é assunto nosso.

- Sim - disse de novo, esforçando-me em não me comprometer com uma frase muito longa. Não sabia se poderia impedir que minha voz tremesse.

O gongo soou a bordo, afugentando de cabina em cabina os visitantes. Chovia docemente. O ar encheu-se de palavras patéticas de adeus, juras, beijos prolongados, recomendações apressadas e arquejantes. A mãe se precipitava sobre o filho, à mulher sobre o marido, o amigo sobre o amigo. Como se esta pequena separação lhes lembrasse a outra, a Grande. E o som doce do gongo vibrou subitamente, de popa a proa, no ar úmido, como um carrilhão fúnebre. Tremi.

Meu amigo voltou-se.

- Escute - disse em voz baixa, - você teve um mau pressentimento?

- Sim - respondi ainda uma vez.

- Você acredita nessas tolices?

- Não - respondi com segurança.

- E então?

Mas não havia "então". Eu não acreditava, mas tinha medo. Meu amigo pousou ligeiramente sua mão esquerda sobre meu joelho, como era seu hábito nos momentos mais cordiais de nossas discussões - eu o forçava a tomar uma decisão, ele resistia, recusava, para ceder finalmente; e então tocava em meu joelho, como para dizer: "Farei o que você quer, por amizade..."

Suas pálpebras bateram duas ou três vezes. Olhou-me de novo. Compreendendo meus sentimentos hesitou em empregar nossas armas prediletas: o riso, o humor, a brincadeira...

- Bem - disse ele. - dê-me sua mão. Se um de nós dois se encontrar em perigo de morte...

Parou, como se estivesse envergonhado. Nós, que há anos nos ríamos desse raids metafísicos, e que colocávamos numa mesma chave: vegetarianos, espíritas, teosóficos e ectoplasmas...

- E então? – perguntei, esforçando-me para adivinhar.

- Façamos uma coisa – disse ele, precipitadamente, para sair da frase perigosa que havia iniciado. – se um de nós estiver em perigo de morte, pensará intensamente no outro, para avisá-lo onde quer que se encontre... De acordo?

Tentou rir, mas seus lábios, como que congelados, não se mexeram.

- De acordo – disse eu.

Meu amigo, temendo ter demonstrado exageradamente sua emoção, apressou-se em completar:

- Não creio absolutamente, é claro, nessas comunicações aéreas entre almas...

- Não tem importância – murmurei. – façamos de conta...

- Pois bem! Seja então. Façamos de conta. De acordo?

- De acordo – disse-lhe de novo.

Estas foram nossas últimas palavras. Apertamos as mãos sem dizer nada, nossos dedos se uniram, ardentes, separam-se bruscamente e eu parti a passos rápidos, sem me voltar, como se me perseguissem. Tive ímpeto de virar a cabeça e ver meu amigo ainda uma vez, mas me contive. “Não se volte, ordenei-me. Ande!”

A alma humana, entranhada na carne, está ainda em estado bruto, imperfeita. Não pode, com suas faculdades insuficientemente desenvolvidas, apresentar um pressentimento claro e seguro. Fosse ela capaz disso, e como teria sido diferente essa separação.

A claridade aumentava cada vez mais. As duas manhãs se confundiam. Via agora mais nitidamente o rosto amado de meu amigo, tendo ficado sob a chuva, imóvel, desolado, ao ar do porto. A porta do café se abriu, o mar bramiu e um marinheiro entrou, baixote – as pernas abertas, com bigodes que pendiam. Vozes soaram, alegres:



- Viva, o capitão Lemoni!

Enrosquei-me em meu canto, procurando concentrar-me de novo. Mas o rosto de meu amigo já se havia dissolvido na chuva.

A claridade aumentava, o Capitão Lemoni tirou seu rosário de âmbar e se pôs a manuseá-lo, mal-humorado e taciturno. Eu lutava para não ver, não escutar, e reter ainda um pouco a visão que se dissipava. Reviver ainda a raiva que me invadira então, raiva misturada à vergonha, quando meu amigo me chamou de camundongo comedor de papiros. Desde então, lembro-me bem, nesta expressão encarnou-se todo o meu desprezo pela vida que levava. Eu que tanto amava a vida, como me havia deixado petrificar por tanto tempo numa confusão de livros e papéis enegrecidos! Nesse dia de separação, meu amigo ajudou-me a ver claro. Senti-me aliviado. Conhecendo agora minha desgraça, poderia talvez vencê-la com mais facilidade. Ela não era mais esparsa e incorpórea; tinha agora um nome, havia tomado corpo e ficou fácil para eu lutar contra ela.

Esse apelido havia certamente convivido comigo, sem barulho, e desde então eu procurava um pretexto para livrar-me das papeladas e atirar-me à ação; repugnava-me ter em meu braço esse roedor. E eis que há um mês deu-se a oportunidade desejada. Havia alugado, num trecho do litoral cretense, do lado do Mar da Líbia, uma velha mina de linhita abandonada, e iria viver agora entre homens simples, trabalhadores, camponeses, longe da espécie dos "camundongos comedores de papiros".

Fiz meus preparativos muito emocionado, como se esta viagem tivesse um sentido oculto. Estava decidido a mudar de vida. "Até agora, minha Alma, dizia comigo mesmo, tu não vias senão a sombra e tu te alegravas; agora eu te conduzirei à carne."

Estava enfim pronto. Na véspera de minha partida, remexendo papéis, encontrei um manuscrito inacabado. Olhei-me, hesitante. Há dois anos que no mais fundo de mim mesmo fremia um grande desejo, como uma semente: Buda. Eu o sentia a cada momento em

minhas entranhas, a me devorar e amadurecer. Ele crescia se mexia se debatia em meu peito para sair. Agora não tinha mais coragem de sufocá-lo. Eu não poderia fazê-lo. Já era muito tarde para um tal aborto espiritual.

Subitamente, enquanto segurava, indeciso, o manuscrito, o sorriso de meu amigo desenhou-se no ar, todo ironia e ternura. “Vou levá-lo comigo! Disse eu, irritado. Vou levá-lo comigo e não adianta rir.” Embrulhei-o com cuidado, como uma criança em suas fraldas, e ele veio comigo.

A voz do Capitão Lemoni se fez ouvir, grave e rouca. Prestei-lhe atenção. Falava dos fogos-fátuos, que durante a tempestade haviam subido aos mastros de sua traineira e os percorriam de alto a baixo.

- São moles e escorregadios - dizia, - e quando se toca neles as mãos ficam parecendo em fogo. Torci os bigodes, uma vez, e por toda a noite eles brilhavam como os do próprio demônio. Então, como ia dizendo, o mar havia passado para dentro do barco. Minha carga estava alagada, havia aumentado de peso, e o navio começava a adernar. Estava perdido. Mas o bom Deus teve pena de mim, e enviou-me um relâmpago que fez saltar os painéis das escotilhas; e todo o carvão foi junto. O mar ficou cheio de carvão, mas o barco ficou mais leve e então se aprumou. Foi assim que escapei ainda essa vez.

Tirei do bolso minha pequena edição de Dante, o “companheiro de viagem”. Acendi o cachimbo, ajeitei-me contra a parede e instalei-me confortavelmente. Hesitei um instante: onde começaria? Pelo breu ardente do Inferno, pela chama refrescante do Purgatório ou lançar-me de uma vez ao ponto mais elevado da esperança humana? Era minha a escolha. Segurando o Dante minúsculo saboreava minha liberdade. Os versos que eu escolhesse na madrugada dariam o ritmo a todo o meu dia.

Debrucei-me sobre essa perspectiva para tomar uma decisão, mas não tive tempo. De repente, inquieto, levantei a cabeça. Não sei como, tive a impressão de que dois orifícios se abriam em minha

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

